

O Sul como pergunta. Ou: quem pergunta quando o Sul pergunta?

José Mauro Ferreira Pinheiro
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(UERJ)
mauro.rodaviva@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1087-6551>

Laura Fraga Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro (PIPGLA/UFRJ)
fragamaia@letras.ufrj.br
<https://orcid.org/0009-0006-1400-3714>

O dossiê nº 49 “Vozes do Sul: em busca de epistemologias outras” parte do entendimento de que estamos diante de uma virada decolonial em curso, que desloca fronteiras teórico-conceituais, éticas e políticas ao reivindicar a necessidade de decolonizar o saber, o poder e o ser (Quijano, 2007; Maldonado-Torres, 2007). Esse movimento nos convoca a problematizar as heranças de uma episteme ocidentalista de matriz colonial e, como argumentam Menezes de Souza e Hashiguti (2022), a construir uma “resposta do Sul” capaz de produzir conhecimento ético e responsivo à nossa vida social. Trata-se de uma postura investigativa que se propõe a abalar as estruturas hegemônicas de conhecimento por meio da ampliação do nosso repertório epistemológico para além dos eixos tradicionais, em uma constante descentralização.

Nesse horizonte, os artigos e entrevistas que compõem este número da *Palimpsesto* são, a um só tempo, gesto acadêmico e político: não pretendem apenas descrever fenômenos da linguagem, mas questionar os discursos hegemônicos que naturalizam desigualdades e silenciamentos, abrindo espaço para vozes, epistemes e práticas historicamente marginalizadas. Tal gesto se insere naquilo que Walsh, Oliveira e Candau (2018) descrevem como pedagogia decolonial: trata-se de um exercício de desaprender o aprendido e intervir na reinvenção da sociedade. Nesse sentido, Mbembe (2014, p. 105) nos lembra que é preciso cultivar a capacidade de “mobilizar recursos culturais autóctones para abraçar o que é novo, venha este de fora ou não”, o que remete à necessidade de uma abertura epistêmica a saberes e fazeres outros.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que as ciências sociais e humanas têm sido historicamente atravessadas por ontologias e metodologias eurocentradas, que universalizaram certas formas de conhecimento às custas do apagamento das demais (Moewaka Barnes; McCreanor, 2022). Como alerta a dupla de autores Maori e não-Maori, a prática de pesquisa corre sempre o risco de, deliberada ou inadvertidamente, reforçar o status quo de hierarquias epistêmicas. Daí a urgência de se repensar não só construtos teóricos herdados da modernidade colonial, mas também as próprias metodologias com que produzimos conhecimento, evitando reproduzir as mesmas estruturas que buscamos criticar. Neste ponto, Fabrício e Borba (2023, p. 18) apontam que, no campo de estudos da linguagem, “ainda há áreas minadas, repletas de rastros moderno-coloniais”, nas quais saberes-poderes canônicos produzem pilhas de ruínas, cada vez mais visivelmente instáveis. Quanto mais rápido nosso mundo superdiverso e hiperssemiotizado se move, mais difícil é evitar a colisão com todo tipo de despejo. O campo está cheio do que os autores chamam de sobras epistêmicas emaranhadas e modos de conhecimento mumificados, de forma que nossos trabalhos precisam transitar com cuidado e reflexividade entre heranças modernas e perspectivas contra-hegemônicas. Afinal, é a partir das ruínas que buscamos a capacidade de construir outras possibilidades de saber, ser e agir.

Essa reflexividade crítica demanda também um enfrentamento aos riscos de apropriação e cooptação das teorias decoloniais e epistemologias do Sul. Pensadores indígenas como Grande (2000) e Smith (2000) alertam para a possibilidade de pesquisadores/as ocidentais brancos/as mobilizarem essas abordagens de modo a perpetuar seu controle e poder sobre a academia. Nesse sentido, bell hooks (2021) lembra como, nos anos 1960/70, nos Estados Unidos, a criação dos cursos de estudos culturais por homens brancos progressistas contribuiu para o desmantelamento dos estudos negros/étnicos e de mulheres, sob o pretexto de que raça e gênero já estariam contemplados. Estes exemplos nos lembram que a reflexividade não é acessório, mas condição fundamental para que pesquisas de viés decolonial reconheçam suas implicações éticas.

Assim, este dossiê se inscreve em um movimento mais amplo de problematização das hierarquias de saber, convocando-nos a pensar não apenas sobre o que pesquisamos, mas de onde e para quem o fazemos. Esperamos, assim, seguir o mote de Fiorin (2023,

p. 162) e abrir espaço para um fazer científico governado pela desobediência epistêmica e pelo hibridismo, em um “elogio das margens, do descentramento, da alteridade, da heterogeneidade, do dialogismo”. As contribuições reunidas neste dossiê ecoam essa aposta em metodologias e epistemologias situadas, plurais e responsivas, inspiradas por perspectivas suleadas, negras, indígenas, queer e decoloniais que serão exploradas nos textos a seguir.

No campo das entrevistas, contamos com a generosa contribuição da pesquisadora e doutora em linguística aplicada e cultura, Ivanete Sampaio, mulher baiana, negra, moradora de Munique, na Alemanha, *setting* sociológico e epistêmico que por si só já daria muito a comentar, estudar, analisar. Ela vem nos compartilhar sua vasta experiência com o ensino de línguas adicionais, no caso dela o alemão, e as reflexões daí derivadas, a partir de uma perspectiva crítica, sempre buscando colocar o sujeito marginalizado no centro da fala. Ela nos lembra que na busca do reconhecimento e da implementação das chamadas devolutivas decoloniais, devemos pensar norte e sul não só como instâncias inter-nações, ou sócio-culturais, mas também inter-institucionais. Instituições como a universidade, produtora de saberes, ela mesma inserida numa sociedade com um dado passado colonial, tende a replicar as mesmas dinâmicas de poder do tipo subalterno x hegemônico, muitas vezes atualizando-as de modo cego. Nesse sentido, Ivanete nos ajuda a retirar o véu que cobre nossas próprias hipocrisias.

Já Rrivu Banerjee, pesquisador e doutorando sediado também na Alemanha, é professor de inglês e alemão e tem origem indiana, é não-branco e queer. E por isso mesmo, é levado a experienciar uma série de inseguranças sócio-culturais que nascem do confronto com as questões que estamos aqui a contemplar no presente dossiê. Com seu olhar arguto, Rrivu nos empresta algo que às vezes esquecemos de praticar: a capacidade de questionar nossas próprias perguntas. Não se trata de encontrar soluções para todo e qualquer problema, mas antes de entender de onde derivam os enfrentamentos que hoje nos causam dor e sofrimento. Os dois entrevistados certamente travariam e travam, talvez sem sabê-lo, um diálogo muito direto que vem do reconhecimento que nossas formas de saber e de deixar saber precisam ser revistas constantemente, sob o risco de cairmos num infundo epistemicídio de vozes outras.

No artigo “Representações literárias da imagem feminina autóctone no processo de colonização da América”, Tatiane Cristina Becher e Gilmei Francisco Fleck analisam

como a líder taína Anacaona, símbolo da resistência indígena frente à colonização europeia, é representada em duas obras distintas: *Flor de oro (Anacaona, reina de Jaragua)* (1860), de Francisco José Orellana, e *Anacaona, golden flower* (2015), de Edwidge Danticat. A partir de referenciais decoloniais, os autores mostram como as narrativas tanto podem reforçar a subjugação imposta pela historiografia europeia hegemônica, quanto reescrever, em chave decolonial, a memória e o protagonismo de figuras femininas autóctones.

Em “Pontes Epistemológicas entre Margens do Sul: Cooperação Internacional entre Unigranrio (Brasil) e Universidade Pedagógica de Maputo (Moçambique)”, Beatriz Brandão dos Santos, Etyelle Pinheiro de Araujo e Sarita Monjane Heriksen investigam a cooperação internacional entre a Unigranrio e a Universidade Pedagógica de Maputo como um exemplo de articulação Sul-Sul. As autoras discutem como essa parceria, firmada em 2023, vai além de protocolos administrativos, funcionando como um espaço de valorização e circulação de saberes produzidos em territórios historicamente marginalizados pela lógica científica ocidental. A partir de um diálogo com as epistemologias do Sul, o texto evidencia como tais intercâmbios podem reconfigurar práticas acadêmicas e currículos, promovendo uma internacionalização universitária orientada pela justiça epistêmica e pela reciprocidade entre países do Sul global.

O ensaio “Fontes jurídicas sob a lente da linguística forense: direitos linguísticos e epistemologias do Sul” de Renata Christina Vieira propõe uma reflexão crítica sobre as fontes do Direito Linguístico a partir de uma perspectiva interdisciplinar que articula Linguística Aplicada Crítica, Análise do Discurso e Sociolinguística. Alinhado às epistemologias do Sul, o artigo examina como o conhecimento linguístico pode apoiar a interpretação jurídica, a mediação comunicativa e a formulação de políticas voltadas à diversidade linguística, ao mesmo tempo em que problematiza o papel do linguista forense como agente de intervenção técnica e política. Ao destacar as relações entre linguagem, poder e justiça, o trabalho evidencia a importância de incluir vozes historicamente silenciadas nos sistemas jurídicos e propõe uma atuação orientada pela justiça linguística, revelando o potencial transformador da linguística forense no contexto brasileiro.

Em “Do modelo obediente a uma escrita sensível e coletiva - questões epistemológicas e escrita acadêmica na contemporaneidade”, de Fransuelly Raimundo

Rêgo, a autora nos apresenta um estudo fruto de discussões em um componente de metodologia da pesquisa em linguagem (Rêgo, 2022), problematizando o paradigma cartesiano-positivista, seus abalos epistemológicos e caminhos pós-abissais. Mais que isso, ela questiona a escrita acadêmica e busca alternativas ao modelo obediente, dialogando com Moita Lopes e Fabrício (2019), Perrota (2004; 2022), Ribeiro (2021; 2022) e Santos (2001; 2008; 2010). Defende, por fim, a viabilidade de uma escrita sensível e coletiva na produção em Linguística Aplicada.

Já no artigo “Vozes do Sul: Pesquisas sobre as epistemologias alternativas no Sul Global”, o autor Hiago Higor de Lima discute as “vozes do Sul” (Pennycook, 2006) como formas de resistência à colonialidade na produção do conhecimento. Com base em Pennycook, Sousa Santos, Mignolo, bell hooks e Anzaldúa, analisa como tais vozes questionam normas ocidentais e abrem alternativas de existência. Também apresenta pesquisas sobre vozes minoritizadas e destaca a força transformadora de práticas culturais, políticas e epistêmicas do Sul Global na criação de epistemologias plurais e futuros possíveis.

Em “A tradução de poesia coreana no Brasil: o projeto vanguardista de Yun Jung Im”, Alessandro Pizziolo Ribeiro Junior analisa a poesia coreana traduzida por Yun Jung Im no Brasil a partir das noções de vanguardismo de Goldman (2004) e Dalgarno (2012), em diálogo com Campos (1967; 1981; 2013). Ele busca compreender a tradução e a publicação de antologias como um projeto tradutório vanguardista, marcado pela influência de Campos. Segundo o autor, a leitura da antologia *Olho-de-Corvo* evidencia tanto a construção estética inovadora quanto a visibilidade paratextual do trabalho de Im.

Esperamos, por fim, que a leitura dos textos aqui reunidos seja enriquecedora, contribuindo para ampliar as reflexões contemporâneas e inspirar novas pesquisas sobre epistemologias variantes ao estabelecido hegemonicamente, fomentando debates significativos e instigantes para a área.

Boa leitura!

Atenciosamente,
José Mauro Ferreira Pinheiro e Laura Fraga Maia

REFERÊNCIAS

- BARNES, Helen Moewaka; MCCREANOR, Tim. Decolonising qualitative research design. In: FLICK, Uwe (org.). *The SAGE handbook of qualitative research design*. Londres: Sage Publications, 2022. E-book. ISBN 9781529766943.
- FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo. Errâncias indisciplinadas: entre rastros, ruínas e reconstruções. In: FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (org.). *Oficina de Linguística Aplicada Interdisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas: Editora Unicamp, 2023, p. 16–38.
- FIORIN, José Luiz. Reflexões indisciplinadas sobre epistemologia em linguística. In: FABRÍCIO, Branca Falabella; BORBA, Rodrigo (org.). *Oficina de Linguística Aplicada Interdisciplinar: homenagem a Luiz Paulo da Moita Lopes*. Campinas: Editora Unicamp, 2023, p. 148-164.
- GRANDE, Sandy. American Indian identity and intellectualism: The quest for a new red pedagogy. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 13, n. 4, p. 343-359, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/095183900413296>. Acesso em: 07 ago. 2025.
- HOOKS, bell. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. Tradução: Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, v. 1, p. 127-167, 2007.
- MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade; HASHIGUTI, Simone Tiemi. Decolonialidade e(m) Linguística Aplicada: Uma entrevista com Lynn Mario Trindade Menezes de Souza. *Polifonia*, v. 29, n. 53, p. 149-177, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/14865> Acesso em: 1 set. 2024.
- QUIJANO, Aníbal. Coloniality and modernity/rationality. *Cultural studies*, v. 21, n. 2-3, p. 168-178, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09502380601164353> Acesso em: 1 set. 2024.
- SMITH, Graham Hingangaroa. Protecting and respecting Indigenous knowledge. In: BATTISTE, Marie (org.). *Reclaiming Indigenous voice and vision*, Vancouver: UBC Press, p. 209-224, 2000.
- WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, [s.l.], v. 26, n. 8, p.1-16, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3874>. Acesso em: 4 out. 2024.

José Mauro Ferreira Pinheiro: Doutorando e mestre em Linguística pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e graduado em Letras: Português/Inglês pela UFRJ. Foi professor substituto de alemão na UFRJ e aluno visitante na Friedrich-Schiller-Universität Jena, como bolsista do DAAD. Pesquisa ensino de alemão como língua adicional, metáforas, comunicação digital e elaboração de materiais didáticos em perspectiva decolonial. Integra o Núcleo de Estudos Língua(gem) em Uso e Cognição (NELUC/UERJ) e colabora no grupo FLinKUS (Forschendes Lernen zum Sprachsensiblen Fachunterricht in Kollaborativen Unterrichts- und Schulentwicklungsprozessen) da FSU-Jena.

Laura Fraga Maia: Mestranda em Linguística Aplicada no PIPGLA/UFRJ e graduada em Letras: Português-Alemão pela mesma universidade. Pesquisa decolonialidade no ensino-aprendizagem de línguas adicionais, com foco na elaboração local de materiais didáticos. Leciona no Colégio Cruzeiro Centro, além de colaborar em projetos da APA-Rio (Associação de Professores de Alemão do Rio de Janeiro) / BraDLV e do DAAD.